AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA | PREÇO Cr$ 0,50 | Diretor: JOSÉ OITICICA

ANO II | Rio de Janeiro — Domingo, 22 de junho de 1947 | N.º 37

> Os socialistas e os comunistas querem conquistar o Estado e fazê-lo servir a seus fins, ao passo que os anarquistas querem aniquilar o Estado.
>
> *Sébastien Faure*

UM QUADRO DA NOSSA ÉPOCA

Apagou-se a luz da última esperança! Não estão ainda sepultados os cadáveres da última guerra e já nos ameaçam com outra carnificina.

Qual papagaio célebre deitou Truman seu ôvo podre e é de esperar que esse ôvo, de tão podre, arrebente um dia empestando o mundo inteiro.

Os traficantes de guerra, ouvem, com sorriso jubiloso, os cochichos sorrateiros dos ministros e a altofalância do excelso presidente.

Todos os homens da indústria pesada e seus financistas estão esperançados. Avante! insigne presidente! Avante! Precisamos de cabeças de ponte na Grécia e na Turquia

E o outro *grande* presidente?

Esse, arrula no Kremlim como um pombinho de paz, enquanto o snr. Molotov atiça o ódio.

E' estranho ver como os povos, com incrível apatia, toleram essas maquinações perigosas. A humanidade deve saber que, com a bomba atômica, se afundou a Fata Morgana da paz eterna: também desapareceu o postulado de que a guerra é crime.

Rearmamento é o mote novo! Mas toda essa agitação guerreira nada aproveita aos povos, como as pestes ou as erupções vulcânicas. O militarismo e a guerra envolveram os povos num sudário de dívidas. A corrida armamentista, que nos empobrece ainda mais, pesa nas costas do proletariado. Os povos vencidos e os vencedores sabem hoje muito bem aonde nos leva o militarismo. Por culpa dele, é comparável hoje o mundo a um cadáver em decomposição, circundado de urubus.

Esvaneceu-se aquele sonho lindo com que narcotizavam os povos crédulos, aquela mentira de que a efusão de sangue e tantos sofrimentos iam ser um preço de um mundo mais belo, mais justo, de uma democracia mundial em que seria impossivel a guerra.

Ora, os heróis da segunda guerra longe estão de ver realizadas tais promessas. Na Inglaterra, França, Belgica, Palestina, América ou Grécia, como os trata a reação? A bala.

Suas mulheres e filhos, maltrapidos, fazem longas filas para pão, para leite, para carne, para tudo, de Buenos Aires ao Canadá. Não vigora o menor plano de reconstrução. O tempo das promessas foi-se. Estabeleceu-se, novamente, a ordem antiga, isto é, a ordem da fome e da miséria. Em toda a parte recebem os iludidos novas algemas. Enquanto isso, fazem os militaristas experiências com bombas atômicas. A apatia dos povos é tal, que todos evitam fitar de frente a horrenda verdade: podem essas bombas estourar amanhã sôbre nossas cidades.

Os quatro grandes *desunidos* regateiam entre si os quinhões mais túrgidos do roubo. Molotov acusa seus parceiros de haverem agatanhado todo o ouro, todas as patentes de invenção, mas foi carregando para a Rússia os sábios alemães com seus preciosos segredos. Os parceiros negaram, só em parte, pois confessaram que os valores apreendidos foram publicados.

Para os russos não bastava que a soldadesca de Stálin violasse mulheres e lhes roubassem relógios, [illegible] o mais [illegible] chalissimo roubou fábricas inteiras.

Como assim? grande marxista! Não deviam pertencer ao proletariado da Alemanha, êsses instrumentos alemães de produção? Que marxismo corrompido é êsse?

As pequenas nações não existem para as grandes. Servem sómente de vassalos, como fornecedores de carne para canhões.

Eu acharia naturalíssimo que esses quatro grandes que, só eles, estão fazendo a paz, fizessem também, só eles, sua guerra futura, recusando-se os pequenos a ajudá-los.

Encontramos entre os *grandes* hoje, os politiqueiros de França, da mesma França que abandonou sua companheira na luta, que afundou a própria esquadra, o único país que fez armistício e quase declarou guerra à Inglaterra

Politiqueiros e capitalistas semelham-se a torresmos Boiam sempre, em cima de uma sopa magra.

Quais foram os aliados da classe média francesa e dos capitalistas franceses? Foi um Franco, um De la Roque, um Weygand, a Igreja Católica e Hitler. Sim! Hitler foi o *führer* deles como foi o *führer* da burguesia alemã. Foram eles os que pregaram aos quatro ventos que Hitler era o baluarte contra a desordem na Europa. Todos eles aplaudiram Hitler quando este destruiu as organizações trabalhistas na Alemanha Sorriram quando ele incendiou o Reichstag. Clamaram: «Antes Hitler que Blum!». Fingiram ir para a guerra, mas tinham a intenção secreta de aniquilar a liberdade sindical francesa. Era uma armadilha. O povo não acreditava nas intenções do governo, governo aparentemente apaziguador, mas, no íntimo, admirador de Hitler. Quem mais que os politiqueiros franceses sabotara o princípio de segurança permitindo, sem um protesto, a anexação da Austria, o ataque de Mussolini à Abissinia, a tomada da Albânia, a coligação do *duce* com o *fuhrer* para esmagarem o democrático povo espanhol, o melhor amigo da França?

Estavam homens como Daladier, Laval, Bonnet, Reynand, Flantin, Weygand, Pétain e muitos outros realmente dispostos a oporse à expansão do fascismo na Europa? Se assim fôsse, porque moveram os jornais reacionários campanha viva contra o sistema de educação liberal e porque proclamou Weygand que «seria benção de Deus poder alguém pôr fim, de uma vez por todas, aos absurdos democráticos da Europa»? Não era precisamente essa a declarada intenção de Hitler?

Os fascistas de Mussolini gritavam em frente aos consulados franceses: «Nice! Corsega! Savoia e Tunis!»; entretanto, quando os jornais democráticos criticavam êsse Cesar de papelão como simples vassalo e sacarrolhas de Hitler, foram suspensos por insultarem um chefe de governo amigo.

E os comunistas franceses? Conservaram-se indiferentes. Porque? Porque lhes foi ordem de Moscou.

(Continua na 4ª pag.)

Chamamos a atenção de todos os companheiros para a notável declaração de principios da Federação Anarquista Ibérica (F. A. I.) que publicamos na quarta página.

VARIAÇÕES DA PROPRIEDADE

P. Ferreira da Silva

O direito [illegible] preste coisa alguma, também [illegible] se a frequentes e inesperadas variações no conceito de propriedade, que já não é o mesmo dos tempos em que tal privilégio tinha todas as garantias de intangibilidade. Sabemos que, na evolução das leis capitalistas, o direito de propriedade sofre restrições impostas pelo Estado, e que êste vai, pouco a pouco, invadindo o terreno privado e tomando posse de certas partes ou frutos da propriedade particular.

Em outros tempos não se atreveria o govêrno a fazer desapropriações que hoje se executam sem embaraços. Os impostos, que geralmente constituem a tomada de uma parte dos bens particulares, crescem em quantidade e volume. Os capitalistas são forçados a renunciar cada vez mais à exclusividade da posse dos seus bens, precisamente para que o Estado possa ter meios de garantir-lhes a posse dêsses bens. E' evidente a contradição, mas não absurda. Transferindo-se de certo modo a propriedade do indivíduo para o Estado, não se extingue, mas há de perder muito da sua velha e privilegiada força. E' uma instituição decadente

Há outras variações da propriedade, que, sem salvá-la da condenação sociológica, permitem apontar-lhe mais de uma contradição e fazer pensar que os simples produtores, sem posse de [illegible] deriam beneficiar-se da valorização que alcança o fruto do seu trabalho.

Vigora, no direto civil o princípio de que o dono da coisa é dono também dos frutos da coisa. Assim, os senhores de escravos tinham naturalmente o mesmo direito de posse sobre os filhos dos escravos. Mas, antes mesmo de abolida a escravatura, já os filhos dos escravos tinham deixado por lei, de pertencer aos proprietários. Ao contrário, as crias do gado constituem propriedade do dono gado, e o dono da terra é dono também das arvores que nascem na sua terra e dos frutos que essas arvores dão, ainda que para tal não empregue o mínimo esforço.

Observando episódios modernos na disputa de direitos de propriedade, pode-se notar uma tendência para estender direitos originários ou primitivos ao desenvolvimento ou valorização da coisa transacionada.

Os escritores e artistas produzem muitas vezes suas obras em momentos de dificuldades econômicas e desfazem-se delas por preço baixo, não tendo ainda nome ou fama que lhes permita fazer-se pagar do seu esforço e gênio criador. Mais tarde, os traficantes de obras de arte vão explorando o crescimento de tal prestígio e elevam centenas de vezes o preço do que foi adquirido por ínfima improtância, [illegible] menos, à vista do autor impotente ou dos herdeiros, quando o autor já desapareceu deixando a riqueza do seu nome e a memória do seu gênio. Para êsses casos pretende-se meter nas leis um remédio que permita ao autor, ou seus representantes vivos, participar da valorização E então já a propriedade deixa de ser exclusiva para quem comprov.

Já assistimos a uma pendência judicial, em que era parte um Instituto de Previdência. Um imóvel fora vendido para determinado fim e posteriormente, destinado a outra aplicação, foi revendido por quantia muito mais alta. O primeiro vendedor reclamava uma parte do lucro.

A riqueza não aumenta com a sua expressão monetária. Mas, êsses casos fazem pensar no produto da trabalho de fábricas e oficinas. O operário entrega sua obra ao patrão por determinado preço, o preço do seu salário. Essa obra passa de mão em mão, ou é retida nos armazens, ou sofre a influência de especulações mercantis que lhe aumentam muitas vezes o valor. E o pobre operário continua na miséria, nas suas horas de trabalho e no seu salário de fome, enquanto os traficantes enriquecem, de dia para dia, com a simples operação de mudar as cifras no preço dos artigos.

Franco, Perón, a Igreja e Cia

O *Diário de Noticias* de terça-feira, 17 do corrente, insere em primeira página uma fotografia da recepção de Eva Duarte Perón, esposa do presidente da Argentina, pelo ditador de Espanha Francisco Franco, a senhora Carmen Franco e todo o ministério espanhol. Em segunda fotografia, Franco, solenemente, ante milhares de mirones, condecora a ex-atriz com a grã-cruz de Isabel, a Católica.

O clichê dá-nos agora a documentação viva da célebre cerimônia em que a senhora Perón, cônscia do que é o marido e do que é Franco, fez, publicamente, a saudação fascista.

Os que supõem morto o fascismo, enfiem bem os olhos nesse quadro sintomático e corram os olhos pelos países vencedores a ver se lhes deparam cousa diferente.

Vejam a *pátria amada*, o Brasil. Estão no poder os mesmos que sustentaram o fascismo getulino: Dutra, seu ministro da guerra, é presidente; Felinto Müller, seu chefe de polícia, é senador; o próprio Getúlio, por uma dessas estupidezes rematadas da *democracia* é senador: João Alberto, *fac totum* do curto período de 15 anos, é presidente da Câmara Minicipal, na capital da República; o escroque Borghi é senador; o snr. Miguel Reale, vice-chefe do integralismo, é secretário do presidente de S. Paulo.

O *integralismo* acaba de fazer uma convenção aqui no Rio, às barbas do governo democrático, e a Igreja Católica, fascista-mor, aliada de Mussolini, sustentáculo dos integralistas, é quem manda e remanda em todo o país. O fascismo, depois da surra, levantou-se, descansou um pouco, lavou-se, fez a barba, mudou de roupa e saiu lampeiro, fingindo-se democrata, mas vivinho, pronto a novas investidas e tentativas.

Em Espanha e Argentina, nem sequer tomou conhecimento da surra. Continua como sempre; numa, com a Falange dominando, a polícia matando, a miséria crescendo, ajudada pelos países *democratas*; na outra, com planos quinquenais mirabolantes, desbragada militarização do país e a primeira dama a ostentar a saudação fascista para mostrar ao mundo que, em seu país, sulamericano, Hitler não morreu.

Uma página de Max Nettlau

do livro recente *Socialismo Autoritário* e *Socialismo Libertário.*

Também os libertários se embalaram em ilusões de expressão quase automáticas. E' sem dúvida que a vida individual e social só é possível mediante a ininterrupta prática de prescindir das leis e normas, comportando-se cada qual segundo suas convicções anarquicamente. Porém, mal se atreve aos primeiros passos nesse rumo, já os mesmos que iniciaram a jornada dormem sobre a lei como sobre um travesseiro, caso lhes redunde isso em benefício para seus interêsses. Da liberdade à arbitrariedade não é menos longe a estrada que do legalismo. Não há muita diferença entre ser um indivíduo o que impõe a autoridade ou a lei. Penso que o que nos pôs Kropótkin ante a retina — associação voluntária, ciência moderna, anarquia — carece da força proletária que ele lhe atribuia. Malatesta expressou claramente essa mesma opinião crítica, sendo anarquista, não por motivos de economia e ciência, senão porque a anarquia era para ele um belo conceito que correspondia a todos os seus desejos e amava essa idéia. Outros sentem predileção igualmente intensa pela autoridade e chegam a tê-la na mão. Outros não sentem nenhuma predileção preponderante e tratam só de ter um albergue, um lugar de retiro e uma vida tranquila submetendo-se ao mais forte. Ficaram em casa no dia da tomada da Bastilha e gozaram a vantagem de um século de liberdade. Nos nossos dias, com igual equanimidade, aceitariam um século de fascismo. O meio real está formado por homens que têm algum dêsses temperamentos, alguma dessas qualidades ou aspirações: progressivos, generosos, dominadores, açambarcadores; em terceiro lugar, os débeis, passivos e indiferantes. Essas três qualidades entrecuzam-se e têm diversos matizes.

O único elemento valioso, criador, construtivo e indispensável é o elemento progressivo.

Esse elemento progressivo achase reprimido ou açambarcado pelo elemento autoritário, aproveitando-se, afinal, o elemento indiferente no grau que o permitem os açambarcadores autoritários. O único meio de acelerar o avanço consiste em dar-lhe a mais sólida e ampla base, fazendo-o atrair os elementos de valor com capacidade de evolucionar desinteressadamente. Assim foi compreendido pelos primeiros socialistas, os verdadeiros, embora tenhamos já visto como os desvios frustraram o obra, quando ela mal estreava. *Só a vontade de serem livres pode libertar os homens.*

Malatesta e Tolstoi foram talvez os que exprimiram isso com mais diafanidade. Bakúnin e Réclus também o compreenderam como G. Laudauer. Todos os demais, considerando os de algum relêvo, creio que sentiam influência ou desejo constante de procurar atalhos ou caminhos mais curtos, por exemplo: instinto insurreccional solidariedade de classe, esforço orgânico, meios econômicos, etc., criando ou suscitando esperanças que não puderam realizar-se. Muitas esperanças se depositaram na Internacional, na greve geral, no sindicalismo, nos movimentos insurreccionais, na rebelião social, etc. Esses meios ativos são de enorme valor, porém dependem do concurso eminente de forças voluntárias, não atuantes na proporção necessária, embora cresçam no decorrer dos tempos.

Talvez se tenham as atividades libertárias empenhado em tarefas de caráter exterior, em tarefas secundárias, intervindo na marcha das secções e grupos, questões orgânicas, publicações, atividades de partido que não se ocupa do indivíduo desde que o indivíduo se supõe aderido às idéias. Talvez se tenha levado a cabo, com excessiva rapidez, em favor da luta econômica, o recrutamento. Talvez se hajam dado, com extrema celeridade, por conhecidas as idéias, considerando-as como conjunto infalível e cessando o estudo.

E' curioso pensar na diferença que se deu na crítica. Malatesta, mau grado todo o seu entusiasmo, não deixava de levantar críticas e dúvidas quando as sentia e era mister expressá-las. Por expressá-las, foi julgado severamente até nos seus últimos dias. Ao contrário, o que dizia Kropótkin — excetuando suas opiniões sobre a guerra — quase não sofreu crítica, sendo Malatesta o único que fez observações aos pontos de vista de Kropótkin, embora com extrema discrição.

Houve, em suma, excessiva facilidade quanto à fé e soluções em aparência finalistas ou definitivas. Houve pouco estudo e pouco trabalho novo, pouca individualização das idéias que exigem, apesar de sua clareza, maior aproximação aos homens. O socialismo libertário merecia e exigia uma exposição mais diversa, mais variada e matizada, mais intimamente individualizada, mais afastada do acessório e pessoal. Poderia ter contado com maior número de propagandistas diretos, atuando em mundo mais amplo, com ambiente grato, com amigos e simpatizantes indispensáveis a toda obra incipiente cercada pela inimizade e incompreensão.

Não se pode sonhar com melhoras até a perfeição dos meios de propaganda; igualmente, não cabe esperar que se apresentem as formas do socialismo libertário ante o mundo de hoje, salvo em zonas locais e circunstâncias heróicas. E'-me difícil descortinar um porvir muito distinto do que o indicam as tristes circunstâncias presentes. Os socialistas não mudarão; os comunistas representarão, mais que nunca, o órgão executivo da política do grande Estado russo que é um mundo para si. Quererão os Estados fascistas acender guerra mundial ou poderão os burgueses de algumas latitudes, que fiquem de pé, isolar mortalmente o fascismo? Nesse caso poderá dizer-se que o vencedor haverá sido o capitalismo e não o povo e a eliminação do comunismo seria a seguinte etapa. Raras são as iniciativas claras e provavelmente passarão anos de intriga em intriga, remendo em remendo, dificultando e evitando qualquer ação decisiva. Seria enorme desnível, desastroso rebaixo moral e intelectual. O socialismo libertário — a menos que surja um vigoroso rebento — padeceria intensamente com esse desnível porque necessita de um mundo são, acolhedor e embebido de idéias generosas.

(Continua na 4ª pag.)

NOTA. — Isso foi escrito em plena era fascista. Os anarquistas se viam entre dois campos opostos, ambos autoritários, poderosíssimos. Caiu o fascismo hitlerista e mussolínico. Os anarquistas respiram um pouco o ar vindo pela efêmera janela democrática; porém, como diz Nettlau, venceu o capitalismo e já se refaz o autoritarismo fascista, embora dentro de constituições pseudodemocráticas. Pensem os anarquistas na lição de Nettlau, ainda utilíssima hoje.

As duas Espanhas

Nesta página destinada em parte a trabalhos de anarquistas estrangeiros, inserimos o seguinte do companheiro italiano C. Porreca, publicado em **IL Libertario** *de 9 de abril.*

Dois jornais, ambos da mesma data. Um, o *Osservatore Romano,* o outro *La Voce Republicana.* Ambos falam da Espanha. O primeiro, das celebrações espanholas no dia do Papa; o segundo, das graves condenações contra anarquistas espanhóis.

Dir-se-á que entre os dois fatos, nenhum nexo existe; mas, o pensamento os associa.

Passou o oitavo aniversário da coroação do Pontífice. Nem na católica Áustria, nem na Itália que pouco a pouco se vai permeando de espírito sacerdotal, nem sequer na clerical Argentina ou no semibárbaro Portugal, foi esse aniversário celebrado com tanta pompa.

Em todas as igrejas espanholas, das menores na roça às magestosas das cidades, padres e policiais, bispos e ministros elevaram juntos seus cânticos ao Eterno. Em nenhuma nação, clero e autoridade tão conjuntos se acham, tão de acordo seguem como na Espanha. E, em nenhuma nação, como na Espanha, se alanham espíritos, e corpos se torturam e assassinam. De um lado igrejas e palácios; do outro, cárceres e tugúrios. De uma parte, preces a Deus pela saúde de Franco e de Pacelli; da outra, lutas e martírios pela liberdade e progresso.

Bispos e cardiais, núncios apostólicos, uni, embora, vossas mãos às dos generais e dos ministros; dêsse aperto irrompem lágrimas e sangue, sangue dos vossos fuzilados, lágrimas do povo espanhol. Elevai, embora, vossas preces ao Altíssimo; respondem-vos os gritos dos torturados e os gemidos das mães e dos filhos.

Ajoelhai-vos diante dos altares; perto de vós há quem se ajoelha para sempre sob a descarga dos vossos policiais. Trocai entre vós vossos sorrisos e boas vindas ao início dos vossos jantares; também, nos vossos

(Continua na 4ª pag.)

A MÃO DE STÁLIN NA ESPANHA

de W. G. Krivitsky

(ex-general do exército rússo)

(Continuação do número anterior)

O Politbureau pronunciou-se a favor de uma ação imediata. Stálin recomendou a seus comissários que o auxílio à Espanha por parte do Soviet havia de fazer-se com todo o segredo, afim de eliminar toda possibilidade de se ver seu governo envolto em conflito armado. Sua última frase que deveriam ter presentes os convocados pelo Politbureau e que se retransmitiria como ordem a todos os empregados foi: «*Podaishe et artileiskavo ognia,* manter-se fora do alcance da artilheria.

Dois dias depois, um enviado especial veio à Holanda de avião trazer-me instruções de Moscou. Minhas ordens foram: «Amplie imediatamente suas atividades à guerra civil espanhola. Mobilize todos os agentes disponíveis e dê todas as facilidades para a pronta criação de um sistema de compra e transporte de armamento para Espanha. Parte um agente especial para Paris afim de ajudá-lo nesse trabalho. Apresentar-se-á aí e trabalhará sob sua direção».

Ao mesmo tempo, Stálin em Moscou dava instruções a Yagoda, então chefe da Ogpu, para estabelecer uma ramificação da polícia secreta soviética na Espanha.

Aos 14 de setembro, Yagoda convoca uma conferência urgente da Lubianka em seu escritório central de Moscou e à qual estavam presentes: o general Uritsky, do Estado Maior do Exército Vermelho; Frinovsky, atual Comissário de Marinha, nesse tempo chefe das Forças Militares da Ogpu.

Eu soube por Slulsky, com que me encontrava frequentemente em Paris e outros pontos, que, na tal conferência, fora nomeado um antigo oficial do seu departamento para instaurar a Ogpu na Espanha republicana. Era ele Nikilsky, aliás Scheved, aliás Lyova, aliás Orlov.

A conferência da Lubianka pôs também nas mãos da polícia secreta soviética as atividades do Comintern na Espanha. Decidiu coordenar ou harmonizar as atividades do Partido Comunista Espanhol com a política da Ogpu.

Outra das decisões dessa conferência foi que a polícia da Ogpu se encarregasse do movimento de voluntários de cada país para a Espanha. No comitê central de cada partido comunista do mundo há um membro que desempenha uma missão secreta da Ogpu.

Em muitos países, incluindo os Estados Unidos, a cruzada para salvar a revolução espanhola se apreciou como nobre expedição internacional para resgatar a democracia e manter a justiça em nome da humanidade. Jovens de todo o mundo alistavam-se voluntários para lutar na Espanha por esses ideais. Porém a Espanha Republicana que lutava contra Franco, não estava, de modo algum, presa a ideologias nem táticas políticas. Era constituida por muitas frações democratas, anarquistas, socialistas e sindicalistas. Os comunistas eram em grande minoria. O êxito de Stálin no assegurar-se do domínio e dele servir-se como arma para conseguir uma aliança franco-inglesa com o governo soviético dependia de abater antes a poderosa oposição anticomunista no campo governamental. Era primordial, portanto, vigiar o movimento dêsses voluntários idealistas estrangeiros para a Espanha, afim de evitar que se unissem aos elementos opostos à política e ambições de Stálin.

O principal problema de organizar os embarques de armamento para Espanha foi resolvido pela conferência da Lubianka assentando-se levá-la a efeito simultaneamente da Rússia e do exterior. O trabalho no estrangeiro ficou a meu cargo. A referente ao Interior foi cuidada pessoalmente por Yagoda. Esta deparava maiores dificuldades que a minha porque era absolutamente necessário não deixar o menor rasto, em território soviético, de participação oficial do governo em tal assunto.

Astúcia diplomática.

Yagoda chamou o capitão Ulansky da Ogpu e encarregou-o de organizar um sindicato particular de comerciantes de munições na União Soviética. O capitão Ulansky era homem excepcionalmente hábil em trabalhos de serviços secretos. A Ogpu confiara-lhe até o serviço de escolta de Anthony Eden e do presidente Laval em sua visita à União Soviética.

«Você encontrará em Odessa três espanhóis que, faz algum tempo, estão de pés frios», disse Yagoda ao capitão Ulansky. «Estão aqui para comprar armamento nosso extraoficialmente. Constitua uma firma de caráter privado e neutro para tratar com eles.»

Visto que, na Rússia Soviética, ninguém pode comprar nem um simples revólver do governo, o qual é o único fabricante de armas, a idéia de uma firma particular dedicada ao negócio de munições em território soviético é tão absurda, que nenhum cidadão soviético poderia, por um momento, crer nisso. Mas, essa farsa era fato esquecido ante o estrangeiro, no caso de sobrevir alguma complicação internacional. Na realidade, o trabalho do capitão Ulansky era o de organizar e dirigir uma cadeia de contrabandistas de armas e levá-la a cabo de maneira tão inteligente, que nenhum rastro pudesse ser descoberto por agentes secretos estrangeiros.

«Se lograr êxito, disse-lhe Yagoda, volte com uma casa na lapela para colocar-lhe a *Ordem da Bandeira Vermelha.*

O capitão Ulansky saiu para Odessa com instruções de só tratar com pagamento à vista e com a informação de que os espanhóis facilitariam seus próprios navios para transportar as munições, as quais, naturalmente, seriam fornecidas pelos arsenais do Exército Vermelho. Ia provido com documentos em que se lhe outorgavam plenos poderes e se punham sob seu mando as autoridades de Odessa, desde o chefe local da polícia secreta até o Presidente da região.

(Continua on proximo número)

Para a Anarquia só se pode ir por caminhos anárquicos

E. LATELARO

UMA COMUNICAÇÃO DA FEDERAÇÃO OBREIRA REGIONAL ARGENTINA

SOBRE A QUALIDADE MORAL DO GREMIALISMO GOVERNISTA DA ARGENTINA NO ANO DE 1947

Saúde!

A presente tem por objeto informar-vos, com vistas ao vosso periódico e aos demais do exterior, da verdadeira situação do gremialismo da Argentina e validez gremial de certas delegações *gremiais* no exterior, enviadas pelo atual governo nestes últimos tempos. Porém, antes de vos informar rapidamente dessas questões, será necessário dar-vos uma síntese, embora sumária, dos acontecimentos vários dos últimos 15 anos, que trouxeram, como consequência esta conjuntura dramática.

A reação antiliberal iniciou-se aos 6 de setembro de 1930 com o golpe militar de Uriburu e continuou com o pseudo governo constitucional do general Justo, findando (parece-nos) com a demagogia da miséria peronista.

Não se poderá compreender com clareza as variações da política dêste país durante os últimos 16 anos se não levarmos em conta o desenrolar dos acontecimentos políticos, religiosos, morais, econômicos e, sobretudo, os guerreiros dêstes anos de Europa e outros continentes. Porém, se levarmos em conta a relação entre uns e outros acontecimentos, as cousas se aclaram ao saírem da penumbra e sobressaem. O que agora parece a muita gente milagroso, verifica-se que não passa de antigas superstições, como é a desgraça da credulidade e a estupidez humana. Só assim, sopesando essa relação, se compreenderá a ditadura de Uriburu, a fraude do gen. Justo e a demagogia de Perón. Uriburu pretendia impor pela violência e Justo pela fraude o que agora pretende impor Perón com a demagogia do *melhoramento econômico*. Se é certo isso no terreno dos princípios econômicos, então podemos asseverar que, se os acontecimentos da Europa houvessem tomado rumo favorável às ditaduras, em vez do inverso, como sucedeu, Perón, em vez de pão, vos teria oferecido pauladas.

A verdade dêsse asserto não só a prova a *filiação política e religiosa* dos autores da revolução de 4 de junho, como a provam, de forma completa e irretorquível, a qualidade moral dos grêmios e dos dirigentes que servem de instrumento dessa tendência, os quais não são outros que os que servem de instrumento *gremial* para justificar, sob esse ponto de vista, a ditadura de Uriburu e a fraude de Justo antes e agora a atual demagogia

A quase totalidade dos elementos *operários* que colaboram com o governo, ou são camaleões recalcitrantes, ou antigos recrutadores de crumiros. Isso explica muito bem a razão pela qual o elemento *obreiro* que serve a este governo exerce, em toda parte, a indigna função de furagreves, isto é, de carneiros. Para não citar muitos fatos que tornariam muito longa esta nota, apontaremos só três que caracterizam esses redentoristas às avessas.

Assim, por exemplo, quando os obreiros portuários deste país resolviam boicotar os barcos franquistas, como protesto contra o regime imperante na Espanha, foram os obreiros mandados da Secretaria de Trabalho e Previsão os que trataram de quebrar o conflito. A traição se fez nas greves pro liberdade dos cinco ladrilheiros e pela conquista das 6 horas no porto desta capital. Em Rosário, na ocasião em que os operários do porto mantinham a conquista de quatro horas em alguns trabalhos insalubres, foram elementos governistas, mandados do Trabalho e Previsão, os que fizeram malograr-se essa conquista imposta, havia 8 meses, por nossa organização.

Ultimamente, na associação dos chauffeurs, com pretexto de combater os *troperos*, mas com o plano de subjugar os trabalhadores do volante a essa repartição oficial, fabricaram na Intendencia Municipal uma ordem de tipo fascista que obrigou esse grêmio a declarar-se em greve para contrariar essa medida reacionária. E foram, como nos casos anteriores, os obreiros governistas os que trataram, lá do Trabalho e Previsão, de estragar o movimento usando dos processos costumeiros: carneirando. A greve dos chauffeurs serviu para evidenciar a manobra que, faz tempo, vem seguindo este governo em todas as associações operarias: fazer da Secretaria de Trabalho e Previsão um gigantesco polvo que, abarcando todos os últimos confins da República, faça dêste país um imenso presídio para os trabalhadores em geral e, em particular, para os que querem viver livres e independentes. Significa isso que o gremialismo recrutado pelo governo é um gremialismo de furagreves. Não nos estranha tanto o chamado Sindicalismo Estatista que sempre colaborou com a reação, contra o verdadeiro povo, porque, como fruto legítimo da prédica marxista e do chamado Catolicismo Social, não podia obrar de outra maneira, de acordo com o ensino de seus mestres. Não nos pasma tão pouco a ação de *Trabalho e Previsão*, já que foi criado para esse fim antiobreiro e por isso teve o governo o cuidado de pôr-lhe à frente um antigo recrutador de carneiros, nas greves da cristaleria *Papini* de Avellaneda, no ano de 1938.

Depreende-se disso que, se o generalíssimo governante é assim, então, todos os delegados sindicais e representantes *obreiros* dêste governo não são mais que delegados e representantes de carneiros e furagreves, como o atestam os mencionados fatos.

Esperamos que os defensores dêste governo *redentor* desmintam o que se diz aqui... cousa bastante difícil, tendo-se em mira os antecedentes reacionários dos elementos em dança e os fins reacionários também, que ostensivamente seguem.

Por essas razões e outras mais que omitimos, aguardando informação mais ampla, aconselhamos às organizações [illegible] a conveniência de assinalar à opinião universal a qualidade moral do elemento *obreiro* governista dêste país.

Saudações fraternais

Conselho federal

Gregorio Naso

Secretário

NOTICIAS ANARQUICAS

Itália — 1. Para mostrar o que valem palavras, citamos o caso de haver um movimento *integralista* numa cidade italiana: mas, esses *integralistas* são, talvez sem o saber, anarquistas. Depreende-se isso de uma correspondência publicada em *Il Libertario* de Milão, aos 5 de abril. Lançaram manifesto e os princípios expostos coincidem com os nossos. Logo, opina o companheiro que responde à correspondência, para que outro *ismo*, para que mais confusões?

2 Uma comunicação interessante para os sindicatos do Brasil é o da *Federação Anárquica Lombarda*. Diz assim: «Depois do Congresso de Bolonha, reiniciou-se na Federação o ciclo de reuniões aos sábados (17 horas), com participação de denso número de companheiros. O objetivo das discussões tem sido a necessidade de retomar a atividade sindical mais intensamente, penetrando nas fábricas para nelas constituir núcleos de companheiros e simpatizantes. A aversão à prática colaboracionista dos funcionários das *Camere di lavoro* (correspondem ao nosso Ministério do Trabalho) e ao recente compromisso democomunista na constituição de um Estado confissional atrai para nós as simpatias de amplas camadas de trabalhadores e devemos pôr-nos à altura da tarefa. Assim, foi discutida também a oportunidade de agitar nas fábricas e nos ambientes operários a recusa ao pagamento de imposto de família

A comunicação prossegue sobre outros assuntos. O importante é ver como estão procedendo os companheiros italianos à margem dos sindicatos oficiais ou oficializados das Câmaras de Trabalho. Se os sindicatos vedam a entrada, há campo aberto nas fábricas à atividade dos companheiros anarquistas e simpatizantes para guerrear a intervenção do Estado na vida operária. Restabelecer a vida sindical livre é o que mais urge atualmente.

3. No dia 2 de março fundaram os anarquistas da Sicília a Federação Anárquica Regional Italiana, aderindo logo à Federação Anárquica Italiana.

Tal notícia é prova do rápido progresso do anarquismo na Itália. A Sicília, com efeito, de população em estado medieval, nunca se mostrou favorável às idéias libertárias. Os companheiros sicilianos resolveram fundar um semanário de propaganda.

4. Em *Gioia del Colle*, na província de Bari, em março, houve sérios distúrbios. Ocasionou-os o incêndio da *Camara de Lavoro* ateado por um tal Matteo Resta, fascista conhecido.

O incendiário foi preso pela polícia e ia ser levado para Bari; mas a multidão que tanto sofrera com o fascismo e se opõe hoje ferozmente às tentativas de renovação fascista, as altou os carabineiros e linchou Resta. Depois, dirigiu-se às sedes do partido fascista *Uomo Qualunque* e as incendiou. Não se limitaram a isso e fizeram o mesmo à sede do partido democristão, isto é, o partido do Papa. Cortaram os fios telefônicos e telegráficos de modo que só no dia seguinte foram enviados, já tarde, reforços de Bari.

E' sintomático esse movimento nesse perdido recanto da Itália. E está muito longe de ser o único.

Propaguem

Ação Direta

UM SINDICATO PAULISTA

Temos sôbre a mesa o nº 176 do periódico *O Trabalhador Gráfico* de S. Paulo, órgão do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de S. Paulo, com 26 anos de idade, sede própria e muito legalmente registado no D. I. P., conforme Of. SA — 1.824.

E' uma publicação bem batizada, com folha corrida limpa, como convém a um órgão de tão chibante Sindicato.

O órgão se intitula *dos* trabalhadores gráficos. Era, assim, de supor que no sindicato se achavam *todos os* gráficos paulistas. Ora, logo o primeiro editorial move campanha pelo recrutamento de 50 mil novos sindicalizados! Quer isso dizer que há, na capital paulista, avultadíssimo número de gráficos a quem o sindicato *não interessa*.

E' bem certo que os gráficos, em S. Paulo e aqui, sempre foram de casta *amareia*, quer dizer, seus sindicatos eram *reformistas*, aburguesados, incapazes de ação direta, manobrados por presidentes e diretorias políticas ou politiqueiras e tendentes ao cooperativismo e outras conversas moles socialisteiras.

A *imortal* U. T. G. e o seu órgão de defesa são bem dêsse tipo.

No editorial citado há uma exortação aos gráficos: «Tenhamos presente que, só através dum organismo poderoso, bem organizado, é que estaremos capacitados para enfrentar toda e qualquer emergência, seja ela de que natureza fôr».

Organismo poderoso! Antes, pintara o articulista muito feia a situação do trabalho em S. Paulo: «Diariamente, dezenas de estabelecimentos fabris cerram suas portas, atirando para a rua, na incerteza do dia de amanhã, milhares de operários que se vêem inopinadamente colocados diante de um dos quatro cavaleiros do Apocalipse: a fome E, à medida que transcorrem os dias, novas fábricas suspendem suas atividades fazendo com que o número de desempregados se avolume mais e mais».

Acha o articulista que tudo se conjura e os trabalhadores se salvam desde que tenham um sindicato poderoso, desde que *nenhum gráfico esteja fora do sindicato*.

Desejaríamos saber que faria o *Sindicato poderoso* no caso de fecharem os patrões suas oficinas gráficas alegando falência atual ou futura!

O articulista nada diz. Ora, só uma cousa poderia fazer: pagar aos operários, enquanto estivessem fechadas as oficinas, os salários por inteiro ou em parte

Poderia o sindicato fazê-lo?

Outra cousa poderiam fazer os desempregados: procurar trabalho em outra casta de serviço; mas, francamente, para isso não se faz mister um sindicato e muito menos poderoso.

O sindicato gráfico nada saberia, nem saberá fazer, inteiramente novo e eficaz, porque é sindicato burguês, amante da ordem burguesa, reconhecido pelas autoridades constituidas e respeitoso do Estado e da Igreja, com serviços de assistência e outras cousas muito bonitas e bem cristãs Possúi uma diretoria respeitável, da qual escreve o snr. Luiz Marcondes na última coluna da primeira página: «Consignamos aqui as nossas saudações à Diretoria que tão bem vem dirigindo o Sindicato, que todos os associados devemos prestigiar para maior pujança da nossa entidade». Grandes aplausos e o hino nacional!

Porém, perguntamos nós, aconselharia essa prestigiada Diretoria com *D* maiúsculo, algum movimento sério para que não ficassem na rua seus associados caso resolvessem os patrões fechar as portas?

Pensem os gráficos no seguinte e digam-me se a Diretoria aprova. Porque fecham os patrões suas oficinas? O caso mais normal deve ser este: a oficina rende menos do que ele esperava, ou não rende nada, ou dá *deficit*. Ora, se o *deficit* é real, nada feito. Se as despesas apenas se equilibram e nada sobra para o patrão, já não vão mal as cousas. Se apenas o patrão lucra, mas não lucra quanto queria, já estamos num céu aberto.

Se o Sindicato não fosse *amarelo* e aceitasse a *ação direta*, não permitiria o fechamento da oficina. Os trabalhadores instalar-se-iam nelas e passariam a administrá-la dizendo ao patrão: «V. S. não pode, do pé para a mão, fechar esta casa de onde tiramos nosso sustento. Se a casa não lhe dá lucro, aberta, também não lhe dá lucro, fechada, mas, aberta, ao menos o nosso salário dá e, fechada, nos atira à fome. Se dá pouco lucro, fique descansado; tiraremos, da féria semanal, as despesas e o nosso salário e lhe entregaremos o lucro seu.

Seria isso um processo novo aqui no Brasil, mas não inédito no mundo. Apenas esse processo requer trabalhadores conscientes, livres de diretorias mandonas, de beneficências precárias e sindicatos de fachada, submetidos vergonhosamente ao Ministério do Trabalho e cortejadora de políticos sem brio, exploradores do ingênuo operário.

E os gráficos, infelizmente, não se acham com fibra capaz disso.

Querem ver? Na segunda página o snr. Paulino Humberto de Fazio escreve: «Os trabalhadores

(Continua na 4ª pag.)

A F. A. I. lança sua declaração de princípios

aprovada na Conferência Intercontinental celebrada em meados de março último com participação dos núcleos de exílio.

«Entendemos que nenhum dos acontecimentos ocorridos na história moderna do mundo, desde que o anarquismo tomou forma concreta, com filosofia e metodologia própria, significaram descrédito para nossos princípios ideológicos.

Ao contrário, as velhas afirmações dos anarquistas sôbre a essência da liberdade e o papel nocivo de todos os Estados, o próprio Estado se encarregou de as valorizar

A nossa crítica à instituição do Estado, opôs-se, nestes últimos tempos, um arguemento de grande poder espetacular, a saber: *a conquista gradual ou revolucionária dêsse mesmo Estado*, argumento cujo êxito passageiro relegou ao olvido as sábias prevenções dos anarquistas sobre a impossibilidade de conquistar o Estado sem previamente destruí-lo.

A nova mística forjou duas fórmulas cada qual mais perniciosa: a *Reforma do Estado* conforme a prática socialista parlamentar e o *Assalto Violento ao Poder* pôsto em prática pelos comunistas russos.

A reforma do Estado levou à luta política, às corruptélas e bisantinismos sem mais resultados que o cáus econômico e administrativo de todos os Estados.

A saída para tal situação acharam-na o capitalismo e o Estado com o golpe reacionário fascista, revolucionário às avessas — que contou, como fatores e possibilidades de êxito, a desmoralização e dispersão da frente autenticamente revolucionária.

O assalto frontal ao poder e subsequente utilização do Estado como órgão revolucionário — implantação do socialismo de cima — deu-nos o fruto da feroz ditadura soviética, uma das mais perigosas experiências empreendidas pela humanidade e cujos monstruosos resultados estão à vista.

Ambas as experiências, a socialista e a ditadura do proletariado, produziram terrível depressão nos meios do proletariado e crise moral profunda na intectualidade liberal

Após duas terríveis guerras, consequência lógica do precesso da situação, o chamado Estado Democrático cotiza hoje em alto preço sua vitória contra o chamado totalitarismo — feitura sua — passando-nos a todos suas faturas e ajuntando-lhes as contas do Capitão-mór. Resumo: o Estado histórico — sempre um e inconfundível — remoçou com o elixir de longa vida dos intervencionistas e colaboracionistas, luzindo aos olhos do mundo esfaimado o garbo de sua segunda juventude.

Por todo o exposto declaramos:

Que a liberdade como meio e como fim constitui a essência das idéias anarquistas.

Que Estado, o poder organizado de coação e repressão, apoiado na desumana premissa da incapacidade e desprezo do indivíduo, o Estado repetimos, é o primeiro obstáculo oposto à plena realização da liberdade e da justiça.

Que os conceitos de organização e administração das entidades e interesses sociais nada têm de comum com a capacidade do Estado de poder organizar e administrar.

Que o Estado é tão somente o defensor dos privilégios de classe, alheio à equidade e principal fator do desajuste social.

Que não existe organização social possível sem o implicito reconhecimento da soberania coletiva.

Que éssa valorização do indivíduo tem sua transcendência lógica na autonomia de todos os núcleos sociais entre si.

Que o pacto livre e a federação voluntária condicionado pelo mútuo consentimento e pelas necessidades, devem constituir o cimento de toda organização coletiva.

Que não existe livre associação nem soberania popular se todos os movimentos não forem orientados do simples ao complexo, do indivíduo à sociedade, de baixo àcima, substituindo a arbitrariedade autocrática pele necessidade comum, o mando discricionário pelo mandato condicionado, o poder ilimitado pela gestão definida.

Que êsses nobres objetivos só podem conseguir-se procedendo se com táticas concordes com os principios.

Que um comportamento anarquista na ordem individual e uma prática federalista no plano orgânico, são condições para imprimir efetiva influência no meio social destinado a transformar-se;

Que todos os desvios táticos definitivos e providenciais tendem automaticamente a desvirtuar os princípios, afastando-se das finalidades.

Que o anarquismo não pode ceder a veleidades oportunistas sem entrar em colisão com os motivos consubstanciais de sua existência e razão de ser histórica.

Conferência Intercontinental da Federação Anarquista Ibérica — março de 1947.

UM QUADRO DA NOSSA ÉPOCA

(Continuação da 1ª pag.)

Stálin havia feito seu célebre pacto com Hitler para prejudicar as democracias. Foram os comunistas franceses que sabotaram a máquina de guerra, vociferavam ter a Inglaterra a culpa da guerra, serem os ingleses malditos imperialistas.

Ora, esses mesmos comunistas, mal Hitler invadiu a Rússia e Stálin choramingou socorro aos tais *imperialistas*, bradaram que Hitler era um infame assassino, salteador da Europa e que do seu bigodinho fariam escovas de dentes.

Esses negregados capitalistas pactuaram pois com Hitler, prolongaram a guerra e hoje querem exigir do proletariado alemão, aço, carvão e muitas outras cousas.

A Itália foi tratada menos rigorosamente que a Alemanha. Porque? Porque a indústria italiana se acha nas mãos do capitalismo *Yankee*.

A política dos nazistas era sem dúvida bárbara; mas, Inglaterra, França e Holanda não tem sido menos bárbaras em suas colônias. O que há no Oriente é nazismo requintado, uma longa história de brutalidades exercidas sobre raças e nações já civilizadas quando os antepassados dos seus atuais verdugos moravam em cavernas e bebiam hidromel no crânio dos inimigos assassinados.

Estamos numa época de contradições.

Trabalhadores! Quereis morrer sufocados no gás asfixiante dessas vergonhosas mentiras?

Não será melhor arrebentar as vidraças das janelas e pular para o ar puro da liberdade?

GERMINAL

LIVROS NOSSOS

Rodolf Rocker — **As Idéias Absolutistas no Socialismo** Cr$ 15,00

Max Nettlau — **Socialismo Autoritário y Socialismo Libertário** — acaba de chegar — editado pela *Guilda de amigos del libro* — **preço Cr$ . . 12,00**

Anunciado para breve: **Anarco Sindicalismo**, *la Confederación Nacional del Trabajo y El Movimento Libertário Español (história, ideologia, táctica)* — por **Germinal Esgleas.**

Máximo Gorki — **A minha Infância — Cr$ 10,00**

Pedidos a *Ação Direta*. Buenos Aires 147 A 2.º Rio de Janeiro

As duas Espanhas

(Continuação da 2ª pag.)

cárceres, vossos sentenciados se abraçam antes do último banquete, o da morte.

Cantai vossos *Te Deum* em vossas catedrais reluzentes de pompa e ouro; é mais belo, na deserta esplanada, o grito do que vai morrer à liberdade que em vão tentais matar. Orai, embora, pelo vosso Pontífice; nos cárceres, os jovens imberbes e as crianças, flores que desejariam desabrochar à luz e que fanais nas trevas, oram pela fraternidade dos povos, a qual surgirá sobre as ruinas de vossas igrejas e de vossos quartéis.

Vilipêndio à religião? Ultraje aos ministros do culto? Vamos! Força! exmo. de Gasperi; snrs. Scelba e Cappa, e vós todos, senhores prefeitos, arrastai-nos perante os tribunais! Ousai! Que nos importa vosso ano de cárcere quando, na Espanha, os irmãos de ideal arrostam a morte?

Não nos defenderemos procurando fingimentos ou nagaças jurídicas; não invocaremos a falta de dolo. Dos bancos dos réus, acusaremos.

Nós, anarquistas, nós *ébrios de liberdade* não vos negamos o direito de rezar pelos opressores e de insultar os oprimidos. Reivindicamos, para nós, o direito de amaldiçoar os tiranos.

UM SINDICATO PAULISTA

(Continuação da 3ª pag.)

gráficos, como as das demais categorias profissionais, também lutam pela aplicação, por parte dos snrs. empregadores, do inciso VI do Art. 157 da Constituição da Republica, vigente no país. Os trabalhadores em geral esperam ansiosos o cumprimento dêsse direito que lhes é devido desde 18 de setembro do ano passado». Refere se ao descanso semanal.

Confessa o articulista que a luta travada entre gráficos e patrões não tem dado resultado satisfatório; mas, ele tem o cuidadinho de adjetivar luta com um *pacífica* maravilhoso, bem digno de sindicatos ordeiros e que fazem sua páscoa anual. Lá por 1917 ou 1918, as cousas iam mais lestas e expeditas, porque os operários não se fiavam em ministérios, em tribunais, em diretorias, em políticos, irrompia a greve e forçava a mão aos empregadores vagarosos!

Um outro gráfico, o snr. Pedro Viadero, lá na 5ª página clama contra a *justiça morosa*. E que deseja o snr. Viadero da justiça burguesa senão que seja morosa, se é uma justiça organizada pelos capitalistas e para os capitalistas. Escreve o Viadero: «São incontáveis os casos de processos que se arrastam meses e meses e, não raro, anos a fio, para gáudio da classe patronal e desespero dos operários, etc. etc.»

A choraminga continua assim. Mas, meu amigo, de quem a culpa? Só e só dos operários que reconheceram o Ministério do Trabalho e se sujeitaram ignobilmente à tal justiça das juntas.

O patrão ri dos operários e ri muito bem porque estes são idiotas. Tendo eles a faca e o queijo no mão, como tinham antes de 1930, foram atrás das cantigas de Getúlio e se deixaram amarrar como escravos.

Agora, aguentem firmes, ou então mandem tudo às favas e libertem seus sindicatos da patronada dominante.

Será que essa gente não compreende que só a *ação direta* dos trabalhadores os faz respeitados? que só a *ação direta* os põe diante do patrão na qualidade de igual para igual?

Os jornais americanos referiram-se em março último à formidável perda de onze a doze milhões de BUSHELS de batatas apodrecidas por falta de COMPRADORES.

O govêrno americano indenizou os produtores à razão de 2 dólares e 20 cent. por cada cem libras.

Ora, quem fornece esses dólares é o povo, por meio de impostos. Porque, não distribuir então gratuitamente ao povo que as pagou as batatas? Porque não as mandar distribuir na Europa onde morre tanta gente de fome?

Mistério do capitalismo. Em regime anárquico não trabalhariam os lavradores para produzir tal supérfluo ou seriam tais sobras enviadas gratuitamente a quem delas precisasse.

E' claro, não? Sim, mas a estupidez humana é infinita e o egoismo ainda é maior.

Hoje, a posição deles é a de mendigos ante o rico que os despreza!

Togliatti, santo!

Sabe-se que o partido comunista, estupidamente, adula a Igreja Católica, mormente na Itália, mau grado os pontapés e cusparadas que dela vai levando.

Após o voto dos comunistas e socialistas favorável, na Assembléia Constituinte, à confirmação do tratado de Latrão, o jornalista Thomas E. Healy enviava ao seu jornal *Post* o seguinte:

«Com um dos mais cômicos e estudados lances da política italiana, o Partido Comunista aliou-se com os qualunquistas e democristãos (*clericais*) para votar em favor do artigo 7 da nova Constituição, pelo qual se confirma o tratado de Latrão entre a Itália e o Vaticano.

«Um órgão oficial dos democristãos (*clericais*) chama hoje a Togliatti: *o homem da Providência*.

«E um padre católico, encontrado num dos corredores de Montecitorio, após o voto, disse: *Devemos certamente canonizar Togliatti, vivo!*»

Além de estúpidos, ridículos!